

A investigação científica e o turismo*

João Albino Silva

Faculdade de Economia, Universidade do Algarve

Resumo

O presente artigo tem por objectivo contribuir para uma reflexão em torno de uma agenda de investigação científica para o turismo português. Ao admitir que sem ciência não há progresso económico e social, o artigo procura esclarecer os fundamentos de uma prática científica no turismo, defendendo quer uma aplicação dos elementos que fazem parte do método científico, quer uma visão multidisciplinar para se encontrarem as melhores soluções para os problemas do turismo. Ao efectuar uma abordagem das iniciativas internacionais da investigação científica e da sua divulgação, o texto conclui que o conhecimento já acumulado neste domínio e a importância que o turismo possui na estrutura produtiva em Portugal justificam a preparação de uma agenda nacional através da identificação das necessidades de investigação baseada num diálogo entre as autoridades, as empresas e a comunidade científica.

Palavras-chave

Ciência, método científico, multidisciplinaridade, agenda de investigação no turismo português.

Abstract

The purpose of this article is to contribute to a discussion regarding an agenda of scientific research of Portuguese tourism. Given that without scientific knowledge there is no economic or social progress, this article attempts to explain the foundations of a scientific study in tourism and defends the methods as well as the need for a multidisciplinary approach in reaching the best solutions to the tourism problems. On analysing the existing scientific studies and the importance of tourism in the Portuguese economy, this article concludes that there is a need for Portugal to have a national tourism agenda. In preparing this agenda the needs must be identified through the cooperation and collaboration between of the public sector, industry and the scientific community.

Keywords

Science, scientific method, multidisciplinary, agenda for research of Portuguese tourism.

João Albino Silva
Universidade do Algarve
Faculdade de Economia
Campo de Gambelas
8000-117 Faro
jsilva@ualg.pt

* Este artigo esteve na base de uma conferência, com este mesmo título, que o autor apresentou na Sociedade de Geografia, em Lisboa, no dia 14 de Novembro de 2001.

À Inês

O crescente protagonismo das actividades turísticas e de lazer, associado ao actual paradigma civilizacional das economias e dos países onde o crescimento económico e o progresso tecnológico levaram a substanciais melhorias dos índices de bem-estar económico, coloca o problema do conhecimento e avaliação do seu próprio processo de desenvolvimento.

A credibilização do conhecimento desta complexa e multidisciplinar realidade social e cultural, que é o turismo, exige, porém, uma aproximação metodológica baseada em princípios científicos.

A reflexão sobre este tema, que tem vindo a ser efectuada em alguns fóruns internacionais, não teve ainda suficiente eco no nosso país.

O texto que agora se apresenta pretende contribuir para este debate, tentando referenciá-lo no contexto do turismo em Portugal.

Depois de uma breve nota à evolução do pensamento científico, problematiza-se a investigação científica no turismo e conclui-se ser necessário, em Portugal, um debate alargado sobre o potencial e as necessidades de investigação nesta área.

Breve nota sobre a evolução do pensamento científico

“Embora ainda nos interroguemos acerca da forma como surgiram na Terra os primeiros focos de civilização, a verdade é que nela o conhecimento se foi sedimentando, durante milénios, para originar o milagre grego que teve na escrita o veículo poderoso que fez chegar até nós os produtos do seu pensamento. Podemos, por conseguinte, localizar o aparecimento histórico da curiosidade, da atitude e do espírito científico seis ou sete séculos antes de Cristo, em Mileto, Samos, Éfeso e Eleia, colónias gregas da Ásia Menor e da Itália” (Guerreiro, 1965).

A lenta passagem de vinte séculos do pensamento grego para o pensamento moderno é representada, nos seus alvares, por homens da envergadura de Galileu, Newton, Leibnitz, passando pelo próprio Leonardo da Vinci, que tiveram o talento e a ousadia de romper com as verdades estabelecidas e reconhecidas como imutáveis e definitivas.

No século XVII, Descartes rejeita o culto da autoridade sem a verificação e abre portas à demonstração expe-

perimental, criando a geometria analítica, hoje de permanente aplicação na metodologia científica.

Diderot, alguns anos mais tarde, vem-nos lembrar, através dos seus trabalhos, que a observação deve ser assídua, a reflexão profunda e a experimentação exacta.

Nos séculos XVIII e XIX, o método experimental vai-se generalizando aos principais domínios da ciência (medicina, química, astronomia, biologia, ciência florestal, entre outros), criando as bases para o aparecimento do verdadeiro espírito científico moderno.

Na investigação científica surgem, então, os seus principais elementos: a hipótese, os princípios da objectividade, da precisão, da coerência, da interpretação em linguagem de probabilidades e da análise operacional. Cria-se um método de trabalho que inclui a observação independente e tão rigorosa quanto lhe permitirem os sentidos e o material técnico disponível.

Ainda segundo Guerreiro, que nos acompanha nesta breve nota, Claude Bernard, no século XIX, poderá ser considerado como o cientista que pela primeira vez define o método experimental e o uso que ele pode ter em ciência, ao publicar, em 1865, a *Introdução ao Estudo da Medicina Experimental*, onde se faz a apologia do método experimental, afirmando que ele é o único que, no campo científico, proclama a liberdade do espírito e do pensamento sem a qual não há pesquisa.

Por outro lado, as matemáticas e os métodos estatísticos são considerados cada vez mais indispensáveis na metodologia científica, pois todos os cientistas são unânimes, em especial os que se dedicam à biologia e à física, em afirmar que a observação não existe sem medida.

Havendo necessidade de observar, planear e executar experiências tanto quanto possível controláveis, multiplicam-se os laboratórios, permitindo repetir experiências em diferentes condições, isto é, seguindo as hipóteses mais variadas e em número tão elevado quanto se queira.

Aliás, o apetrechamento dos laboratórios, acompanhados de sistemas computadorizados, ao mesmo tempo que condiciona o progresso da ciência, foi, do mesmo modo, condicionado por ela, o que permitiu que tivesse evoluído paralelamente pessoal especializado: ciência – equipamento – laboratórios.

Chegamos, hoje, a um paradigma dominante que considera, unanimemente, que sem ciência não é possível resolver os problemas práticos e evoluir num mundo fortemente tecnológico. E que todo o surto técnico-industrial presente no mundo é um dos produtos do

pensamento científico e continua a ser ainda, nos nossos dias, o melhor índice do progresso e factor de emancipação das civilizações e de independência dos povos.

2 A investigação científica no turismo

No que ao turismo diz respeito, a investigação científica tem-se caracterizado por um lento desenvolvimento. Sendo certo que, historicamente, é um dos sectores mais recentes na evolução das sociedades contemporâneas, tal facto não é, a nosso ver, suficiente para explicar o seu significativo atraso.

Um primeiro factor encontramos-lo associado às limitações que dificultam a investigação na quase totalidade das ciências sociais. Como referimos anteriormente, o método científico desenvolvido pela escola empiricista do século XVII, onde sobressaíram vultos como Locke, Berkeley e Hume, manteve a sua predominância, até aos nossos dias, no esforço investigativo no domínio das ciências. Este método, que mais tarde foi retomado por positivistas e neopositivistas, estuda os factos e as relações, problematizando-os, em regra, de forma determinística e fragmentada.

No caso das chamadas ciências sociais, onde se insere em grande medida o turismo, a aplicação estrita e rigorosa deste método tem tropeçado com diversas dificuldades inerentes à matéria complexa tratada por estas ciências.

É o caso, entre outros, de toda a investigação se desenvolver em diferentes contextos culturais; de muito dificilmente ser possível a transformação de uma situação problemática numa situação unificada devido à complexidade e desconhecimento das variáveis a utilizar; de não ser possível estabelecer uma estreita correlação entre factos e ideias; de a observação analítica dos fenómenos não ser fácil de realizar devido ao desconhecimento que pode existir sobre as variáveis que as compõem, sobre a sua própria envolvente e sobre os comportamentos entre aquelas variáveis e a respectiva envolvente.

O turismo, como ciência social, tem, por isso mesmo, tido dificuldade em alcançar um certo rigor e estatuto científico, porque para tal necessitará de credibilizar os processos analíticos, através de um conveniente controlo e de um sistemático contrastar dos resultados obtidos.

Uma tentativa de superação destas dificuldades no processo de investigação tem sido defendida por autores como Bertalanffy (1976) e Güell (1989), através da Teoria dos Sistemas. Teoria essa que pretende implicitamente a unificação das ciências, baseando-se no princípio segundo o qual o mundo apresenta uniformidades estruturais,

que se manifestam na ordenação dos seus diferentes aspectos. Por outro lado, esta teoria pretende contemplar o indeterminismo existente em muitas das relações sociais, marcadas por formas mais elaboradas e complexas do que a mera causalidade.

Embora podendo oferecer uma base mais adequada para a investigação social que os métodos tradicionais empíricos, o facto de a Teoria dos Sistemas não ser capaz de explicar, na sua totalidade, as condições que regulam o desenvolvimento dos diferentes acontecimentos não nos permite considerá-la ainda como uma alternativa, em termos de processo de investigação.

Um segundo factor relaciona-se com a popularidade de formas primárias de conhecimento no turismo. Segundo Kerlinger (citado por Gunn, 1994), os chamados métodos da tenacidade (passagem de conhecimento entre indivíduos, sem garantir a sua exactidão), da autoridade (aceitação pública de alguém que possui reputação no meio) e da intuição (por parecer lógico) produzem informação que eventualmente poderá estar correcta, mas onde estão ausentes mecanismos de questionamento ou avaliação da sua correcção.

Um terceiro factor poderá ser encontrado numa geral incompreensão da real complexidade do turismo, surgindo, por isso, prioridades como a promoção ou a perspectiva industrial deste sector, em detrimento de uma percepção global e mais adequada à interdisciplinaridade das experiências dos seus vários intervenientes, ao planeamento, ao desenvolvimento tecnológico e às próprias políticas a desenvolver.

Perante a grande diversidade dos elementos que constituem o turismo, os problemas não poderão ser resolvidos recorrendo-se a um único método de pesquisa. Conforme Graburn e Jafari (1991) nos sugerem, nenhuma disciplina por si só pode acomodar, tratar ou compreender o turismo. Este só poderá ser estudado se as fronteiras disciplinares desaparecerem e as perspectivas multidisciplinares forem desenvolvidas.

Igualmente nessa década de 90 do século que agora terminou, Gunn (1994) defende que no turismo se devem utilizar todas as contribuições disciplinares que se considerem úteis para resolverem problemas e disponibilizarem novos conhecimentos.

Nessa medida, considera as seguintes disciplinas e as suas abordagens específicas como fazendo parte das prioridades da investigação no turismo:

- o *marketing*, talvez a mais activa disciplina no turismo, com ênfase na aplicação dos comportamentos, na gestão e na economia;

- o domínio comportamental, com especial atenção para as disciplinas da psicologia e da sociologia;
- a economia e a gestão empresarial, em domínios como as análises custo-benefício, e previsionais e a política económica;
- a história, na documentação do desenvolvimento do passado, na reconstituição e interpretação dos locais com herança patrimonial;
- a geografia, na ênfase nas relações entre factores geográficos e zonas turísticas;
- a antropologia, em particular nos intercâmbios culturais e as consequências do desenvolvimento turístico;
- o ordenamento e a criação de novos ambientes físicos para uso turístico;
- a ciência política e a análise do papel das lideranças públicas e privadas.

Para além destas disciplinas consideradas prioritárias, este autor refere ainda os importantes contributos de disciplinas científicas como a medicina, a saúde, a nutrição, a engenharia e os produtos e equipamentos turísticos, e a gestão de parques e áreas naturais, entre outras.

Por sua vez Smith (1990), afirma que o leque de problemas a investigar no turismo pode ser organizado, tendo em atenção as diferentes formas de o analisar:

- como experiência humana, levando ao desenvolvimento e teste de modelos que ajudem a explicar os comportamentos humanos;
- como comportamento social, onde se destacam as análises sociológicas das relações visitante-residente e as análises económicas da afectação de recursos escassos e o valor social atribuído ao próprio crescimento turístico;
- como componente geográfica, onde sobressaem a identificação e análise de regiões com vocação turística;
- como recurso, com as investigações a privilegiarem o equilíbrio entre preocupações ambientais, sociais e económicas;
- como actividade empresarial, onde a investigação tentará encontrar as melhores soluções em termos de eficiência das estruturas organizativas;
- como indústria, onde o destaque irá para a organização industrial da cadeia de valor.

Temos, assim, o turismo, *entidade* com uma significativa complexidade, a necessitar de *inputs* de investigação de um leque muito diversificado de disciplinas consideradas úteis para se resolverem problemas e se disponibilizar nova informação.

Embora estas diferentes disciplinas pareçam utilizar diferentes métodos de investigação, em todas elas o objectivo básico deverá ser o de efectuar uma investigação objectiva, sistemática e lógica, ou seja, baseada em dados que possam ser objecto de réplica ou de questionamento.

As soluções para os problemas necessitarão, de uma forma crescente, da cooperação de investigadores de diferentes disciplinas, de que poderão ser exemplo:

- a) problemas associados com os usos do solo e do planeamento necessitam de equipas que incluam, entre outros, especialistas de *marketing*, geógrafos e urbanistas;
- b) os historiadores, antropólogos e sociólogos podem juntar esforços para estudar os meios de minimizar os choques culturais do desenvolvimento turístico;
- c) os engenheiros, os especialistas em planeamento e ordenamento e em análise comportamental do consumidor podem igualmente combinar esforços para desenvolver os transportes e tecnologias de informação turística;
- d) a investigação sobre aspectos florestais e de recursos aquíferos pode contribuir para a resolução de casos centrados no desenvolvimento de atracções baseadas nos recursos naturais.

Esta preocupação pela multidisciplinaridade no turismo tem vindo a ser acompanhada por um esforço de avaliação crítica da investigação que se tem produzido neste sector.

Socorremo-nos de Goeldner (1999) para referenciar alguns indicadores do crescimento da investigação no turismo, desde o início da década de 60.

Destaque para a primeira revista científica em turismo, *The Tourist Review*, a publicação oficial da Association Internationale d'Experts Scientifiques du Tourisme (AIEST), que no ano 2000 celebrou 55 anos de publicação. Alguns anos mais tarde, em 1973, surgiu a primeira edição do *Journal of Travel Research* e os que se seguiram, principalmente nas décadas de 80 e 90, viram surgir uma autêntica explosão de revistas, coincidindo com o crescimento dos cursos superiores e pela própria investigação em turismo levada a cabo em muitas universidades. Em 1999, segundo Weiler (2001), estavam referenciadas 55 revistas apresentando investigação nas áreas do turismo e lazer.

Além destas revistas, outras não explicitamente vocacionadas para o turismo, como sejam as especializadas em *marketing*, comportamento do consumidor, economia, psicologia, sociologia, antropologia, geografia e transportes,

têm igualmente vindo a inserir estudos sobre o turismo.

Além desta perspectiva editorial, existem as conferências e seminários nacionais e internacionais sobre investigação em turismo que, anualmente, atingem várias dezenas. A documentação destas conferências, em conjunto com as publicações universitárias e de outros centros de investigação, departamentos governamentais e agora os *web-sites* representam um conjunto porventura superior ao da própria investigação publicada.

Numa análise ainda provisória e esquemática deste significativo crescimento internacional dos estudos em turismo, julgamos poder destacar alguns traços da organização da produção científica:

- um primeiro, e maioritário, relaciona-se com a pesquisa que é desenvolvida por investigadores associados a instituições de ensino e a centros universitários, em países como o Reino Unido, Itália, Alemanha e países nórdicos;
- um segundo traço desta organização científica emerge dos esforços desenvolvidos por organizações públicas, de que são exemplo a Espanha, com o Instituto de *Estudios Turísticos*, e a França, com o *Observatoire du Tourisme*;
- um terceiro, encontramos-lo desenvolvido em países como os Estados Unidos da América, com grandes cadeias turístico-hoteleiras a solicitarem investigação nas áreas da gestão;
- um quarto traço decorre das experiências de países como o Canadá, Austrália e Nova Zelândia em torno de uma agenda nacional para a investigação no turismo (Smith, 1999; Ryan e Simmons, 1999).

O pioneirismo destas últimas experiências e o seu carácter nacional justificam que nos debruçemos um pouco mais sobre elas.

Em primeiro lugar, estamos em presença de uma lógica nacional de investigação dependente dos objectivos mais gerais do próprio desenvolvimento turístico. Ou seja, assume-se que a investigação deve contribuir para o objectivo estratégico de desenvolver vantagens competitivas sustentadas para cada país. Objectivo esse perspectivado através da maximização da satisfação do visitante durante a sua permanência.

Em segundo lugar, a definição da agenda de investigação corresponde a um compromisso entre os parceiros públicos e privados.

Assume-se que os gestores privados e os decisores públicos devem tomar decisões baseadas em informações, análises e estudos o mais rigorosos e aprofundados possível.

Em terceiro lugar, a identificação das necessidades de investigação pressupõe um diálogo com todos os intervenientes no turismo.

3 Breve reflexão sobre a investigação científica no turismo português

E no nosso país como estamos de investigação sobre o turismo?

Infelizmente não existe ainda qualquer base de dados ou indicadores seguros para respondermos a esta pergunta.

Damos nota, porém, do crescimento vertiginoso de cursos de ensino superior, nas últimas duas décadas, cujo último censo apontava para um número não inferior a 37, de algumas dezenas de teses de mestrado e doutoramento em turismo, embora a maioria ainda não concluídas, de alguns centros de estudo e uma ou outra revista de divulgação com enfoque sobre este sector.

Registamos ainda como positivo o esforço da Secretaria de Estado do Turismo, através da Direcção-Geral do Turismo e do Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo, para apoiar a investigação aplicada, quer através de bolsas de estudos, quer no apoio à realização de estudos por equipas de investigadores universitários.

E devemos, finalmente, salientar o aparecimento, em 2001, do Observatório do Turismo, projecto que na sua génese pretendeu mobilizar e apoiar parcerias nacionais e regionais em torno de um melhor conhecimento e de uma maior qualidade na informação estatística. Inexplicavelmente este modelo foi extinto pelo Governo português em Setembro de 2003, ainda sem um esclarecimento cabal quanto ao apoio do Estado à investigação científica.

Mas esta sumária e insuficiente análise coloca, a nosso ver, uma primeira direcção de trabalho: é necessário e urgente proceder-se a um inventário da investigação sobre o turismo português, onde, para além da avaliação do seu carácter científico e multidisciplinar, importará disponibilizar esta informação a todos quantos se interessam pelo estudo e conhecimento deste sector.

Uma segunda direcção prende-se com a identificação de necessidades gerais de pesquisa no turismo português e sua priorização.

O significado estratégico do turismo para a economia portuguesa e as naturais restrições de financiamento justificam um significativo esforço de consulta junto dos vários parceiros tendo em vista a fixação de uma "agenda" de investigação.

4 Nota final

As experiências e as reflexões que trouxemos a estas páginas aconselham-nos, em última instância, a uma atitude decidida na defesa de um projecto para Portugal, na área da investigação no turismo, baseado numa maior atenção sobre as necessidades de conhecimento científico das empresas e das regiões, na garantia de um processo que articule preocupações comuns e na capacidade de se desenvolverem respostas colectivas baseadas em princípios de parceria responsável.

Bibliografia

- Bertalanffy, L. von, 1976, *Teoria general de los sistemas*, Madrid, Fondo de Cultura.
- Goeldner, C. R., 1999, "Directions and trends in tourism research, past, present and future", in V. C. S. Heung, J. App e K.F. Wong (eds.), *Proceedings of Asia Pacific Tourism Association Fifth Annual Conference*, Hong Kong, 33-43.
- Graburn, N. H. H., e JAFARI, J., 1991, "Introduction: tourism social science", *Annals of Tourism Research*, 18 (1), 1-11.
- Güell, J. M. F., 1989, "El turismo como sistema funcional", *Estudios Turísticos*, n.º 101, Madrid.
- Guerreiro, M. Gomes, 1965, *A Investigação Científica como Factor de Progresso*, Sociedade de Estudos de Moçambique.
- Gunn, C.L., 1994, "Perspective on the purpose and nature of Tourism Research Methods", *Travel, Tourism and Hospitality Research*, 2.ª ed., in J. R. Brent Ritchie e C.R. Goeldner (eds.).
- Ryan, C., e Simmons, D., 1999, "Towards a tourism research strategy for New Zealand", *Tourism Management* 20 (1999), 305-312.
- Smith, S., 1999, "Toward a national tourism research agenda for Canadá", *Tourism Management* 20 (1999), 297-304.
- Weiler, B., 2001, "Tourism research and theories: a review", in *Tourism and Hospitality in the 21st Century*, A. Lockwood and S. Medlik (eds.), Londres, Butterworth Heinemann.